



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

Crítica bioética a um nascimento anunciado

Volnei Garrafa

Poucas notícias causaram tanto alvoroço na mídia internacional quanto o nascimento da ovelha Dolly, divulgado pelo jornal norte-americano *The New York Times*, de 23 de fevereiro de 1997, antecipando-se ao artigo publicado pelo pesquisador escocês Ian Wilmut e sua equipe na revista britânica *Nature* (27/02/97). Parte da surpresa ficou por conta do grande público, pois se tratava de um fato previsto, de um nascimento amplamente anunciado, pelo menos para aqueles que lêem ou lidam com ciência.

Uma coincidência a ser analisada inicialmente é que a clonagem animal veio por meio da ovelha, símbolo da redenção humana no imaginário cristão. Jesus Cristo se refere ao “rebanho” inúmeras vezes conforme as narrações dos evangelhos. A “anunciação” de um novo tempo, portanto, se deu por intermédio de Dolly, produzida operacionalmente desde julho de 1996 nos laboratórios da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Esse fato gerou reações contraditórias que foram desde o enaltecimento da ciência até sua completa rejeição. Repentinamente a clonagem ficou polarizada entre manifestações de endeusamento ou de demonização.

O MITO DA IMORTALIDADE

Adão foi instigado por Eva – clonada pelo Criador, a partir de células de uma costela do primeiro – a comer o fruto da árvore da sabedoria, aquela que se referia ao “bem” e ao “mal”. Repentinamente Adão descobre-se um ser nu, frágil, precário. E Deus expulsa-o do paraíso, antes dele provar o fruto da segunda árvore, a da vida, que lhe daria a imortalidade.

Desde então, Adão e seus descendentes perseguem o mito da imortalidade, tentando contornar a transitoriedade da existência humana. As ten-

tativas vêm desde a antiguidade, passando por René Descartes, que em 1630 já perseguia “o sonho da medicina infalível”, até o limiar do século XXI, graças a projetos extraordinários, como o desejo de o homem alcançar Marte e outras paragens do sistema planetário, à procura de novidades e melhorias.

O pesquisador francês Lucien Sfez no livro “A saúde perfeita – crítica de uma nova utopia”, registrou o fim da retórica pós-moderna. Essa boa notícia, entretanto, foi apagada pelo alvorecer de uma ideologia ainda mais temível e já consistente neste final de milênio. Utilizando três projetos científicos em desenvolvimento avançado no mundo contemporâneo – Genoma Humano, Biosfera II e *Artificial Life* – Sfez abordou a questão do “corpo virtual”: não se trata de uma mera reconstrução anatômica abstrata, que existe e não existe; é mais rica, mais informal, mais perfeita que nosso pobre corpo que oculta suas misérias, sem ser puro espírito mas um corpo-conceito mais elevado, mais limpo, mais complexo que o corpo-carne. “Que pensar desse objeto, senão que é da alçada da utopia e da ideologia ao mesmo tempo?”, questiona.

Ele refere-se à utopia pois as metáforas estão presentes em todo seu pensamento de forma imperiosa, racional: “sondar rins e corações, que era atributo de Deus, não basta, pois os tecnocientistas necessitam de um corpo inteiro”, calculado, “que tende a substituir moralmente nossa pobre e imperfeita realidade pela razão todo-poderosa”. E essa razão não pode atingir a perfeição senão por meio das mãos dos sábios. Menciona a ideologia, pois seria inimaginável toda essa reconstrução acontecer sem a força determinante e infatigável de uma base conceitual de sustentação poderosa: a da tecnociência. Sua radicalidade crítica, unilateral e arrasadora, alerta positivamente sobre instigadores desafios do terceiro milênio, tendo o efeito, também, de reabilitar o papel (ou a necessidade) das ideologias e utopias pelas quais grande parte das pessoas hoje já não nutre muito entusiasmo.

Para Sfez, existe o perigo real de a técnica vir a dominar o mundo, a sociedade, a natureza, sem mediação científica nem conflitos sociais. Tomando o viés tecnocientífico como instrumento de apoio, fuzila as idéias do pesquisador norte-americano Francis Fukuyama e sua teoria do “fim da história”: “As mudanças genéticas possíveis – vegetais, animais e humanas – alteraram o curso da história. Esta, que tinha uma narrativa longa, foi substituída por pequenas narrativas fragmentadas. A engenharia genética trouxe-nos uma nova história”.

Trata-se, assim, de superar o esgotamento dos mitos, o envelhecimento irreversível do mundo e das pessoas e de voltar ao essencial, à substância de nossa vida. Contra o fracasso da história e a precariedade da vida, somente a ideologia pode recriar a imagem do eterno retorno e da eterna permanência, em uma espécie de megaprotesto contra a fragilidade de nossa condição social e humana.

A MORALIDADE DA CLONAGEM

O filósofo Hans Jonas foi um dos primeiros pensadores a detectar a caducidade dos termos em que tradicionalmente se exprimiam os questionamentos dirigidos pela ética ao progresso tecnocientífico: “Continuamos a discutir a técnica do ponto de vista da verdade antropológica, quer no sentido de ela realizar o verdadeiro sentido do humano, quer, opostamente, no sentido de ela constituir a própria negação do ser humano ou da natureza”. Ora, a técnica não pode ser nem eticamente submissa, nem historicamente dominadora.

Nessa discussão, podem ser indicados dois caminhos de análise: um tecnocientífico e outro bioético. Como não sou especialista em genética, prefiro ater-me a uma reflexão epistemológica. Parece-me que nesse campo tão complexo, a questão de fundo a ser discutida é “a moralidade da clonagem”. E é moral clonar seres humanos? Se usarmos exclusivamente a emoção, nossa resposta imediata será “não”. Se, por outro lado, o argumento for racional, seremos obrigados a interpretar duas identidades para o novo ser: uma genética (biológica) e outra pessoal (antropológica).

O clone pode perfeitamente ser idêntico do ponto de vista biológico, mas será sempre diferente do ponto de vista pessoal. Ao clonar as características genéticas, clona-se a biologia de um indivíduo, não sua personalidade. Apesar de algumas poucas constatações de semelhanças de personalidade registradas em gêmeos univitelinos, uma mesma identidade genérica/genética é acompanhada de diferente identidade específica (“Eu sou eu e minhas circunstâncias” – José Ortega y Gasset – filósofo espanhol). Confundir identidade biológica com identidade pessoal é um abuso lógico; trata-se de mero reducionismo biológico que confunde identidade com especificidade.

Essa argumentação não pretende defender a moralidade da clonagem reprodutiva de seres humanos, mas, ao contrário, criticar a intolerância dos argumentos e das respostas, além da pobreza filosófica, constatada nas discussões que em geral têm acontecido no Brasil – e no mundo – sobre o tema. Pelo contrário, tenho defendido que temas como os limites da manipulação da ciência requerem, além de uma profunda dose de tolerância, sobretudo prudência e senso de responsabilidade. Em artigo publicado no jornal francês *Libération*, o filósofo Jean Baudrillard considerou “o clone, um crime perfeito (...). O conflito entre o original e sua cópia não está perto de terminar, nem aquele entre o real e o virtual”.

ENTENDENDO MELHOR A CLONAGEM HUMANA

Institutos de pesquisa de diversos países já vêm trabalhando há vários anos com a clonagem de espécies vegetais, sem grandes perturbações à ordem das coisas no seio da sociedade mundial. Já o nascimento de Dolly, assim como a intenção do médico italiano Severino Antinori de proceder a clonagem reprodutiva humana até novembro de 2001 – prazo, aliás, já expirado –, causou reações que variaram do fascínio de algumas pessoas, à perplexidade e ao medo da maioria. O cientista norte-americano Richard Seed já havia feito a mesma ameaça de Antinori há cinco anos, não conseguindo concretizar, também, sua pretendida obra. O tema da clonagem, portanto, vem fazendo parte obrigatória da pauta científica e jornalística mundial dos últimos anos. Além de um notório açodamento da parte de alguns cientistas mais preocupados com promoção pessoal, existe também uma imprensa ávida por notícias sensacionalistas para que seus veículos sejam mais vendidos. Tudo isso gerou naturais preocupações por todo mundo e algumas distorções que necessitam ser melhor entendidas.

Uma dúvida a ser equacionada com relação ao assunto é aquela que diz respeito à diferença entre o que se denomina de “clonagem reprodutiva” e “clonagem terapêutica”. A “clonagem reprodutiva” se refere à duplicação direta de representantes de uma mesma espécie, sejam vegetais, animais ou humanos. A outra situação acima descrita, por sua vez, significa a possibilidade da ciência vir a construir, por exemplo, um novo fígado imunologicamente compatível para um doente necessitado de transplante a partir de uma célula “tronco” (indiferenciada) dele próprio ou proveniente de placenta, cordão

umbilical ou mesmo de embriões. Da mesma forma, a esperança de controle para doenças como as síndromes de Parkinson ou Alzheimer, ou ainda o diabetes, repousam em grande parte nas possibilidades do desenvolvimento futuro da chamada “clonagem terapêutica”.

Para uma melhor compreensão e entendimento de toda questão, é indispensável fazer inicialmente uma separação entre o que significa moralmente a clonagem vegetal (a qual sendo corretamente conduzida, acarreta menos questionamentos), a animal e a humana. A clonagem animal, mantidos os parâmetros éticos internacionalmente requeridos, permite que as investigações avancem sem perigo direto para a espécie humana, para a própria biodiversidade e o futuro do planeta. Como já se sabe, Dolly foi a consequência exitosa de 277 tentativas anteriores aberrantes, apesar de uma grande quantidade de dúvidas ainda persistir com relação a diversos aspectos técnicos; para exemplificar, sua idade é até hoje discutida, parecendo ter incorporado os sete anos de vida da ovelha doadora da célula mamária original. O domínio dessa técnica ou variações da mesma adaptadas à espécie humana no sentido terapêutico, como já foi dito, poderá trazer benefícios extraordinários para diversos problemas de saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade de nossa vida.

Partindo da premissa aristotélica de que “a vida é o bem maior” e de que diante de conflitos polarizados entre um problema prático (como a preservação da vida de uma pessoa) e um problema moral (religioso) deve-se optar antes de tudo pela resolução do problema prático, a utilização de células-tronco de embriões passa a ser entendida como eticamente aceitável. Caso na comparação entre: a) a utilização terapêutica de células-tronco de pessoas adultas; b) obtidas de cordão umbilical; ou c) provenientes de embriões humanos; fique comprovada a maior potencialidade duplicativa e adaptativa das últimas, torna-se eticamente aceitável a manipulação genética das mesmas.

A chamada “clonagem reprodutiva humana”, por sua vez – pelo menos neste início do século XXI – não encontra nenhum amparo ético ou moral para sua realização. Além de pessoalmente não acreditar que nenhum cientista ou empresa esteja hoje capacitado a dominar com absoluta segurança todas as variáveis técnicas envolvidas na sua complexa execução, no atual momento histórico é indispensável levar em consideração a questão da diversidade humana, um dos nossos mais valiosos patrimônios naturais.

A maioria dos casos de casais que não conseguem ter filhos já pode hoje ser resolvida com a ajuda de técnicas de fecundação assistida, cada dia mais aprimoradas. Casos específicos de absoluta impossibilidade reprodutiva poderão, quem sabe, ser discutidos caso a caso no futuro. No entanto, a duplicação vulgar de milionários excêntricos que desejam perpetuar-se, ou de superatletas que venham tirar o brilho da competitividade olímpica ou, ainda, simplesmente de espécimes femininos ou masculinos com invulgar beleza para fins estéticos ou mesmo de apetite sexual, não pode e não deve ser aceita. Além disso tudo, o atual estágio de aprofundamento das discussões morais a respeito da clonagem reprodutiva é apenas inicial, estando longe da obtenção de respostas prudentes e seguras.

A RESPONSABILIDADE FUTURA

Nos dias atuais o *Homo sapiens* se transforma em *Homo faber*. Frente ao poder e à velocidade do processo científico e tecnológico que nos atropela todos os dias, é indispensável substituir as antigas éticas da contemporaneidade ou do imediatismo por uma nova ética da prospectiva ou da responsabilidade futura.

Em busca da ética na era da técnica, Hans Jonas apresentou, entre outras, as seguintes proposições: 1) Toda ação deve se transformar em lei universal; 2) Todo semelhante deve ser tratado como um fim em si e não como um meio; 3) Os efeitos da ação devem ser compatíveis com a permanência da vida humana genuína; 4) Nenhuma condição de continuação indefinida da humanidade na Terra deve ser comprometida. Em resumo, “uma vez que é nada menos que a própria natureza que está em causa, a prudência se torna – por si só – nosso primeiro dever ético”.

Em outras palavras, aquilo que devemos “evitar” a todo custo deve ser determinado por aquilo que devemos “preservar” a qualquer preço. Um aspecto essencial no debate sobre a moralidade da clonagem em humanos se refere à vulnerabilidade que se criará a partir do fato de todos indivíduos passarem a ser biologicamente iguais, já que uma das maiores riquezas da raça humana está exatamente na sua variedade genética, na sua diversidade. Uma filosofia da natureza deverá articular o que “é” cientificamente válido com o “deve” das injunções morais. Entre os grandes problemas práticos da bioética, está a dificuldade em trabalhar a relação entre a certeza e a dúvida.

Apesar de alguns críticos radicais considerarem grande parte dos avanços da ciência como “perigosos”, é impossível imaginar a atual estrutura societária (ou biológica) como eterna e imutável. É compromisso da ciência, pois, preparar o futuro, antecipando-se a ele por meio de descobertas que venham trazer benefícios à espécie humana. A mutabilidade da sociedade e do mundo é uma certeza; a dúvida reside em estabelecer o limite concreto até onde os avanços da ciência devam se verificar.

Mais uma vez, parece-me claro, o caminho está no equilíbrio, na busca de soluções moralmente aceitáveis e praticamente úteis. Para isso, é indispensável que as novidades sejam analisadas caso a caso, em cada contexto social, com responsabilidade e bom senso, respeitando-se certos valores societários e o pluralismo moral que, queiramos ou não, é marca registrada dos dias atuais. Neste sentido, alguns valores nos quais a humanidade e a ciência vêm se pautando nos últimos tempos, deverão ser transformados. Seria preferível que a responsabilidade ética fosse tatuada indelevelmente na equação que determina a liberdade científica; e que a tecnocracia e a mercantilização desenfreada, que submetem a sociedade às suas leis insensíveis, se transformassem exclusivamente em tecnologia saudável a serviço da humanidade. Em outras palavras, trata-se de estimular o desenvolvimento da ciência dentro das suas fronteiras humanas, e, ao mesmo tempo, de desestimulá-la quando passa a avançar na direção de limites desumanos e possivelmente iatrogênicos.

Trata-se, assim, não de fazer tudo aquilo que “possa ser feito”, mas, ao contrário, de fazer aquelas coisas que “devam ser feitas”. Hoje, diversos países detêm a tecnologia para construção da bomba atômica, mas nem por isso, depois da dolorosa lição de Hiroshima e Nagasaki, imagina-se a possibilidade dela ser acionada. Além do mais, a descoberta da energia atômica e sua utilização pacífica trouxe inúmeros benefícios. Resumindo, defendo o discurso da “liberdade” para a criação no campo científico, com “controle” sobre suas aplicações práticas, sobre a tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante que se entenda que a clonagem é uma técnica. Sendo técnica, seu uso tem indicações e contra-indicações. É necessário, assim, que se quebre o mito, o medo da palavra.

Seguindo essa linha de pensamento, portanto, não é moralmente condenável o fato de cientistas trabalharem com segurança sobre variedades vegetais, animais e mesmo em seres humanos (clonagem terapêutica) por meio de clonagem ou de outras técnicas na busca de benefícios futuros para a humanidade. O grande nó da questão não está na utilização das técnicas de clonagem em si, mas no seu “controle”. E este controle deve se dar em um patamar diferenciado dos planos científico e tecnológico: O CONTROLE É ÉTICO !

Assim, resta-nos dirigir nosso “fazer”, mais uma vez, com prudência e tolerância, entre os apertados limites do necessário e do possível. A sofisticada intervenção tecnocientífica em um meio não só natural como cultural, atravessado por atos de vontade e escolha apaixonada, é tão “humana” quanto a ética, com a qual, nesse pé, pode estabelecer “diálogo”. Tudo isso, permeado por legislações construídas em bases pluralistas e democráticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berlinguer, G. & Garrafa, V. O Mercado Humano. Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo. Editora UnB, Brasília, 2000 (2ª ed.), 252 p.
- Garrafa, V. & Costa, S.I.F. (orgs.) A Bioética no Século XXI. Editora UnB, Brasília, 2000, 160 p.
- Jonas, H. *Il Principio Responsabilità*. Einaudi Ed., Torino, 1990, 291 p.
- Sfesz, L. *A Saúde Perfeita – crítica de uma nova utopia*. Ed. Loyola, São Paulo, 1996, 357 p.

Resumo

Desde os primórdios da civilização a espécie humana está à busca da imortalidade e da “saúde perfeita”. As discussões sobre a clonagem humana estão incluídas neste contexto. Neste sentido, o autor analisa positivamente a clonagem terapêutica, incluindo a utilização de células tronco de embriões humanos. Procura des(construir) os argumentos relacionados com a demonização da clonagem que partem do sensacionalismo, da superficialidade argumentativa ou de absolutos morais. Por outro lado, entende como moralmente questionável – no presente momento histórico – a clonagem reprodutiva: seja por razões de insegurança técnica; de insuficiente aprofundamento das discussões morais; ou pela própria evolução das pesquisas no campo da reprodução assistida que ainda estão longe de esgotar-se. A partir da

ética da responsabilidade (científica e social), defende a liberdade para a ciência na busca do conhecimento e o controle democrático participativo (ético e legal) sobre suas aplicações técnicas.

Abstract

Since early ages of civilisation, human species is searching for immortality and “perfect health”. The debates on human cloning are included in this context. In that sense, the author analyses therapeutic cloning in a positive point of view, including the use of stem cells from human embryos. The author critically analyses the arguments related to the “demonization” of cloning that emerge from sensationalism, superficially posed arguments of moral absoluteness. On the other hand, the author sees reproductive cloning as morally questionable – at the present historical moment – because of technical insecurity, lack of moral discussion or due to evolution of researches in the field of assisted reproduction that are far from coming to an end. Considering the ethics of responsibility (scientific and social), the author defends liberty to science in the search for knowledge and the democratic control (ethical and legal) over its technical applications.

O Autor

VOLNEI GARRAFA. É pós-doutor em Bioética pela Universidade de Roma, presidente da Sociedade Brasileira de Bioética (gestão 2001-2004); e professor titular e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética da Universidade de Brasília (UnB).